

Médicos da Graça: apresentando o palhaço de hospital

Área Temática: Saúde

Cely C. M. Gonçalves¹, Maria de Fátima G. L. Merino², Pedro C. A. Ochoa³,
Caique H. M. Suda⁴, Daísa L. F. Tigre⁵, Giovana F. Gondolfo⁶

¹Prof. Depto de Enfermagem– DEN/UEM, contato: ccmgoncalves@uem.br

²Prof. Depto de Enfermagem– DEN/UEM, contato: fatimamerino@gmail.com

³Coordenador Artístico - Depto de Cultura – DCU/UEM, contato: pcaochoa@uem.br

⁴Aluno do curso de Psicologia, bolsista PIBEX/UEM, contato: caiquesuda@hotmail.com

⁵Aluna do curso de Psicologia- DPI, bolsista –UEM, contato: daisatigre@hotmail.com

⁶Aluna do curso de Enfermagem-DEN/UEM, contato: giovanafavaro@hotmail.com

Resumo. *Este artigo relata as vivências de participantes do projeto Médicos da Graça em sua formação como palhaço, mais especificamente para atuação no ambiente pediátrico hospitalar. O objetivo fundamental do Projeto Médicos da Graça é trazer momentos de alegria e descontração para transformar a rígida realidade imposta pelo contexto hospitalar. A arte da palhaçaria é uma atividade ancestral utilizada no tratamento de enfermos e comprovadamente benéfica, visto que o brincar é capaz de estabelecer um canal de comunicação criando laços de aproximação entre a pessoa fragilizada pela condição da doença e aqueles que a assistem. A chave que acessa este canal está na ousadia da figura do “médico palhaço” em subverter a ordem das coisas, na liberdade de expressar-se e expor o seu ridículo, trazendo à tona o riso e transformando esse ambiente de extremos onde coexistem a vida e a morte.*

Palavras-chave: Palhaçaria – Capacitação – Saúde

1.Introdução

“Descobrir e compreender o clown como um artista que existe em cada pessoa e emprestar-lhe a vida é um ato de persistência, desprendimento e muita coragem, pois, o clown mostra que, além de outras condições humanas, existe uma que o ser humano evita revelar, a do “fracasso” (WUO E. 2009).

A arte da palhaçaria é uma atividade ancestral utilizada desde a antiguidade como forma de expressão. Ao longo dos anos esta prática foi se aprimorando e se inserindo em diferentes contextos estando atualmente bastante difundida na área da saúde, especialmente no ambiente hospitalar pediátrico. Sabe-se que a presença do lúdico propicia momentos de descontração constituindo-se num fator importante de promoção de bem-estar na vida da criança hospitalizada. A inserção do palhaço na instituição hospitalar se consolidou a partir de Michael Christensen (fundador do Big Apple Circus) em 1986, motivada por sua apresentação no New York’s Babies and Children’s Hospital na qual o palhaço assume o papel de médico e satiriza situações do cotidiano hospitalar. Os resultados promissores dessa atuação motivaram globalmente a formação de inúmeros grupos de palhaços de hospital sendo que no Brasil, Wellington Nogueira funda em 1991, os Doutores da Alegria. (MASSETI, 2013).

E, inspirados nos Doutores da Alegria, surge em 2005 o projeto extensionista interdisciplinar, “Médicos da Graça” da Universidade Estadual de Maringá, que tem por objetivo primordial resgatar a brincadeira e o riso através das intervenções lúdicas do palhaço no papel de “médico.” O foco deste artigo é apresentar as experiências vivenciadas por integrantes do projeto na sua bela, árdua e “eterna” jornada rumo à descoberta de suas figuras palhacescas.

2. Objetivo

Relatar as experiências vivenciadas por dois acadêmicos integrantes do projeto de extensão “Médicos da Graça” durante a trajetória da descoberta do seu palhaço.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, pautado nas experiências da dupla de palhaços, Doutora Vagalume da Graça e Dr. Mingau da Graça, vivenciados por dois acadêmicos da graduação.

4. Resultados e discussões

4.1. Apresentando a Dra. Vagalume da Graça

“Sou Daisa. Letícia. Ferreira. Tigre, participante do Projeto Médicos da Graça há dois anos, ou seja, desde 2017. Em um primeiro momento foi necessário me encontrar com a Dra. Vagalume da Graça, não conhecia seu rosto e nem sabia seu nome. Foram seis meses de preparação para conhecer minimamente, seu estilo de roupa, maquiagem e saber seu nome inteiro”.

Segundo FERREIRA & WUO 2017, o estado palhacesco vai criando suas próprias configurações de relação. É difícil saber em que momento um se apodera do outro, parafraseando os autores, “parece que ela, a Dra Vagalume, é a força, a vontade, o desejo, o prazer, o riso, e a aluna é o disfarce, a máscara, a armadura.” Percebe-se pelo relato da Dra. Vagalume que o processo de descoberta do palhaço é uma jornada árdua ao encontro de si mesmo, das “potencialidades e das fragilidades humanas”. Para Lecoq (1987) “a criação do *clown* se faz por meio da oportunidade de poder ser o que se é, de concordar com a sua própria verdade, por mais absurda e trágica que seja. A composição do *clown* é elaborada a partir de personagens e caricaturas de si mesmo.”

*“Agora que já tínhamos mais intimidade, começamos a ir ao hospital juntas ao lado do nosso fiel escudeiro Dr. Mingau da Graça. As primeiras idas ao hospital foram marcadas, por um nervosismo com um misto de muita alegria. Apesar de nos conhecermos há seis meses, eu e Dra. Vagalume da Graça não sabíamos o que fazer, tínhamos vergonha e medo da equipe de saúde. Apesar de termos passado pela ambientação, termos feito uma formação básica sobre a área da saúde e uma formação de *clowns*, não era fácil estar ali”.*

Colavito & Müller (2013) afirmam que “o processo de descoberta do palhaço se dá por meio de exercícios de exposição, que procuram revelar aspectos humanos, espontâneos e poéticos de cada um. O palhaço é mais que uma linguagem teatral, é um

estado do ser, onde este se defronta com uma possibilidade de encontro com suas contradições enquanto sujeito social e indivíduo, descobrindo um caminho para desenvolvimento de sua sensibilidade.”

Percebemos que o encontro do indivíduo com o seu palhaço interior é um processo árduo no qual as amarras moldadas ao longo dos anos e “a antiga ordem” devem ser rompidas para que o ingênuo, o puro, a alma do palhaço emerja.

Essa busca de seu próprio clown reside na liberdade de poder ser o que se é e de fazer os outros rirem disso, de aceitar a sua verdade. Existe em nós uma criança que cresceu e que a sociedade não permite aparecer; a cena a permitirá melhor do que a vida (Lecoq, 1989).

“Por mais que o Projeto tem um grande tempo de atuação, as pessoas foram saindo e não tivemos muito contato com quem estava no projeto antes de nós, então foi um recomeço para o Projeto, e um começo para a minha amizade com a Dra. Vagalume da Graça. Depois de altos e baixos, brigas e discussões eu e Dra. Vagalume da Graça resolvemos nos unir, e ser apenas uma, aprendendo verdadeiramente o ensinamento: “a menor máscara do mundo é a do clown”, desse modo, não podíamos mais nos separar.

[...] “o pequeno nariz vermelho, “a menor máscara do mundo”, dando ao nariz uma forma redonda, banha os olhos de ingenuidade e aumenta o rosto, desarmando-o de qualquer defesa [...] Lecoq (1987).

A partir disso, junto com apoio da coordenação e dos meus colegas, principalmente dos que persistiram como: o Dr. Mingau da Graça e Dra. Pimentinha da Graça conseguimos transformar o projeto e as visitas. Destacamos algumas das mudanças mais relevantes que fizemos juntos: uma nova formação de clowns; voltamos a ter quinzenalmente encontros no Teatro Universitário de Maringá, para praticar e ter novas idéias para as intervenções no hospital; participamos de novos eventos desde caminhadas do diabetes, crianças da equoterapia; começamos a visitar além do HUM e a Santa Casa, o UPA zona norte e o UPA zona sul, nas visitas não nos privamos apenas a ala pediátrica começamos a visitar mais os idosos e adultos nos hospitais, percebendo que a importância do clown no ambiente hospitalar de despertar o riso e permitir a brincadeira, pode ser tão terapêutico e benéfico aos adultos quanto às crianças; começamos a criar vínculo com a equipe de saúde, e apesar de dias tristes e difíceis, eles sabem que podem contar conosco. E agora com os novos membros somos uma família, que está cada vez mais crescendo. Nosso objetivo agora é dar alicerces para o projeto, para que tenha sempre um Dr. ou Dra. que possa movimentá-lo. E “Eu Dra. Vagalume da Graça ainda com passinhos curtos estou conseguindo me encontrar.”

4.1. Entra em cena o Dr. Mingau da Graça

Eu, Caique Hiroyuki Murakami Suda, sou participante do Projeto “Médicos da Graça” e atuo no hospital universitário de Maringá como Dr. Mingau da Graça. Ao entrar no ambiente hospitalar as pessoas na maioria das vezes nos recebem muito bem e nos permitem brincar com elas [...] é gratificante perceber a melhora no paciente ou pelo

menos pensar que o alívio foi feito e que nós não tivemos acesso ao resultado de nosso trabalho. A exemplo disso, uma vez em uma visita de hospital, juntamente com a Dra. Vagalume, contamos piadas para um quarto de senhores [...]. A piada da “diferença entre a baiana e o tatu” que eu havia aprendido quando era criança e acabei por carregá-la comigo até então[...]. Passado alguns dias, retornamos ao hospital e reencontramos um dos senhores daquele dia. Logo de cara ele nos reconheceu, contou que havia gostado muito da piada do “tatu e da baiana” e que estava tentando decorá-la e pretendia contar para sua família. Pediu que contássemos a piada novamente para os outros colegas de quarto. Todos rimos bastante. [...] conversei com a Dra. Vagalume e juntos ponderamos o quanto é importante compartilharmos as coisas que são importantes para nós e o mais bonito disso tudo é ter a raríssima oportunidade de presenciar os resultados de nossa atuação. Consigo pensar nesse ocorrido como um eco, no qual uma pequena diferença pode abranger não apenas as pessoas do hospital, mas também outras pessoas lá fora. Por fim, penso que assim deva ser o trabalho dos Médicos da Graça: pequenos sons dentro do hospital que ecoam energia positiva e boas risadas.

MUNANGA (2015) afirma que a respeito do riso, “o filósofo Bergson o considera como um pequeno mistério, pois quando uma pessoa ri, ela transforma de repente seu mundo interno e o do outro à sua volta. Parece uma mágica.”

5. Considerações Finais

Os relatos aqui apresentados, carregados de sensibilidade nos mostram que o descobrir-se palhaço é uma jornada única e que vai sendo tecida aos poucos e “para sempre”. Não é nossa pretensão formar atores, mas sim, permitir aos integrantes do projeto através da arte palhacesca, vivências do encontro de si e do próximo e como demonstrado aqui refletirão na sua formação e em sua prática profissional.

6. Referências

COLAVITTO, Marcelo Adriano; MÜLLER, Verônica Regina. O Clown como proposta lúdica no ensino da Arte. Disponível em:

<<http://www.ppe.uem.br/publicações/seminarios>>. Acessado em 08 de novembro de 2017.

FERREIRA, Frederico de Carvalho; WUO, Ana Elvira. Pedagogia palhacesca: a escola do só eu no ensino regular. *Concept*. Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 87-105, 2017.

LECOQ, Jacques. (Org.). *Le Théâtredu geste*. Disponível em:

<<http://www.grupotempo.com.br/>>. Acessado em 08 de novembro de 2017.

MASETTI, Morgana. Por uma ética do encontro: a influência da atuação de palhaços profissionais na ação dos profissionais de saúde. *Indagatio Didactica*, v. 5, n. 2, 2013.

MUNANGA, Kabengele Riso Negro e Identidade. *Revista da ABPN* • v. 7, n. 16, p.03-11, 2015.

WUO, Ana Elvira. A linguagem secreta do clown. *Integração*, v. 15, n. 56, p. 57-62, 2009.